

rendo sem que as cidades tenham condições de gerar empregos” diz o professor Andrea Colantonio, da London School of Economics, sobre a urbanização na África. “Isso tem aumentado os bolsões de pobreza urbana nas periferias, assentamentos ilegais e favelas.”

Índia e China representam o outro grande movimento de pessoas no planeta. Nos dois países, o crescimento econômico puxa a migração, num processo parecido com o que já se viu em outras partes do mundo: industrialização, criação de uma classe média e a exacerbção de desigualdades espaciais e de renda.

Mas as semelhanças param aí. O governo chinês conduz um processo planejado de construção, remoção de populações e adensamento urbano. A oferta de infraestrutura aumenta junto com os danos ambientais, visíveis bem no centro de Pequim quando a fumaça, não raramente, encobre a imagem de Mao Tsé-tung na Praça da Paz Celestial.

Na Índia, a extrema pobreza e a falta de infraestrutura estão criando cidades disfuncionais. O “New York Times” descreve Gurgaon, a 25 quilômetros de Nova Délí, capital do país: a vila rural de duas décadas atrás tem hoje 26 shopping centers, sete campos de golfe, lojas Chanel, Louis Vuitton e BMWs. Mas não tem rede de esgoto, falta energia e a água vem de cisternas. O sistema de transporte coletivo consiste nas frotas que cada empresa contrata para levar e buscar seus funcionários.

“Na África e nas partes pobres da Ásia, o ritmo da urbanização é mais rápido do que as respostas de políticas públicas”, avalia o urbanista e professor Ricky Burdett, um dos organizadores do recém-publicado “Living in the Endless City”, que analisa a situação urbana em São Paulo, Istambul e Mumbai.

O Brasil e outras partes da América Latina já passaram pela época mais aguda dos problemas da urbanização, em que as cidades incharam, a pobreza explodiu e a infraestrutura urbana não conseguiu acomodar a demanda. Os dados do censo de 2010 mostram um país urbano, onde 84,4% da população vivem em cidades. Entre 2000 e 2010, as cidades brasileiras ganharam 23 milhões de moradores, mas a população do país como um todo cresce à menor taxa da história.

Nas últimas décadas, o Brasil conseguiu melhorar a qualidade de vida nas cidades. Os professores Raquel Rolnik (Universidade de São Paulo) e Jeroen Klink (Universidade Federal do ABC) calcularam que, em 1991, menos de 23% dos domicílios brasileiros podiam ser considerados adequados — com acesso a todos os serviços urbanos básicos, entre os quais água, esgoto, coleta de lixo, eletricidade e casa com banheiro. Em 2000, a proporção de residências totalmente adequadas aumentou para 33%. Outra mudança ocorreu nos municípios que antes não ofere-

ciam nenhum serviço básico. Em 1991, representavam quase 52,6% dos domicílios brasileiros. Em 2000, a proporção havia caído para 16,58%. Nesse período, a maior oferta de água tratada — quase universal no país, atualmente — e a ampliação da rede elétrica rural explicam a redução da precariedade dos serviços urbanos.

O retrato do país em 2010 ainda depende de dados que o IBGE vai divulgar, mas as melhores indicações são de que a precariedade urbana continua crescendo, embora a intensidade seja menor. “Uma maior proporção dos assentamentos precários dispõe de água, luz, algum ou até vários tipos de infraestrutura”, explica o pesquisador Eduardo Marques, do Centro de Estudos da Metrópole. “Mas o estoque de precariedades é muito grande e vamos conviver com isso num grau elevado por muito tempo”.

Numa análise de curto prazo, a principal mudança nas políticas urbanas brasileiras se chama dinheiro. Em 2005, todos os programas, fundos e financiamentos somavam R\$ 13,8 bilhões, segundo dados do Ministério das Cidades. Em 2010, passavam dos R\$ 70 bilhões — crescimento superior a 400%. Segundo Marques, programas como o PAC têm permitido urbanizar favelas em ritmo acelerado. Os subsídios do Minha Casa, Minha Vida aumentaram a oferta de moradia para a faixa da população entre três e cinco salários mínimos. Mas há críticas.

“O modelo básico de desenvolvimento urbano brasileiro não se transformou. Continuamos dando mais para quem já tem. Os programas recentes conseguiram avanços significativos, mas estamos fazendo casas sem fazer cidades”, diz Raquel Rolnik. “O Minha Casa, Minha Vida é uma política genial para a produção industrial de casas, mas não tem componente de política urbana.”

A Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016 serão como dois grandes e potentes holofotes sobre as cidades brasileiras. Mas nenhum dos seis especialistas ouvidos pelo **Valor** acredita que sejam capazes de provocar grandes mudanças. Os termos “oportunidade”, “catalisa-

“O modelo básico de desenvolvimento urbano brasileiro não mudou, estamos fazendo casas sem fazer cidades”, diz Raquel Rolnik

dor”, “ ganhos de infraestrutura” vêm acompanhados de “planejamento”, “visão de longo prazo para as cidades”, “custos futuros de manutenção”, “expulsão dos mais pobres dessas áreas” e “integração ao resto do espaço urbano”.

“A tarefa de organizar os jogos é tão grande, que será sempre o foco. É preciso ter alguém pensando e se preocupando com o que vai acontecer”, diz Richard Brown, da London Legacy Company, agência criada pelo governo inglês para gerenciar o parque olímpico após 2012.

A pressão criada pela velocidade do processo de urbanização atual não permite comparações históricas muito precisas. Afinal, ninguém imagina que seja possível colocar abaixo metade dos prédios de uma cidade, como fez o barão Haussmann ao remodelar Paris no fim do século XIX. Ou que seja possível ignorar danos ambientais, como fizeram os Estados Unidos quando passaram a investir nos subúrbios movidos a carros. Mas a experiência acumulada lá e na Europa mostra que a expansão urbana e toda sua problemática constituem talvez uma das poucas áreas em que o papel do Estado e a interferência direta dos governos ainda são bem-vindos.

Quando Nova York tentou privatizar o fornecimento de água, no século XVIII, a corrupção quebrou a empresa e a cidade continuou sem água limpa. A privatização do transporte coletivo na década de 70 no Chile levou à concentração de ônibus de Santiago numa única avenida. As favelas no Rio são outro retrato de como o governo, ou sua ausência, define o espaço urbano. Nas cidades de agora, o Estado não tem como fugir de investimentos maciços em infraestrutura básica, mas precisa, talvez na mesma magnitude, de competência administrativa para regular contratos e supervisionar os prestadores de serviços. Pesquisas indicam que políticas urbanas eficazes têm como princípio conter o crescimento desordenado das periferias, estimular cidades compactas, não deixar que áreas ricas se cerquem em condomínios fechados e desestimular o uso do automóvel. Na globalização, as cidades também estão deixando de ser centros de produção e a principal explicação para o sucesso de umas e a decadência de outras são as diferenças no nível de educação dos moradores.

Não são questões simples ou fáceis de resolver, mas as soluções não virão de outro lugar que não das próprias cidades, porque, como diz o professor Elliott Sclar “se você vive isolado, continua pensando hoje o que pensava ontem. Se está numa cidade e a pessoa ao seu lado o irrita, você é obrigado a pensar. É como a ostra e a pérola. As ostras só produzem a pérola porque são irritadas pelo grão de areia. As cidades fazem o mesmo e é por isso que são importantes, é por isso que as pessoas vão para lá”.

Tudo é urbano, da Renascença ao Facebook

Quando a polêmica se instalou em Nova York por causa da construção de uma torre de 30 andares num dos bairros mais ricos e históricos de Manhattan, o escritor Tom Wolfe disse que só um posto de gasolina poderia ser mais inapropriado para o local do que o monstrengo de aço e vidro. Edward Glaeser não pensava assim.

Nascido e criado em Nova York, Glaeser, economista e professor em Harvard, é a favor de arranha-céus, contra a excessiva preservação de prédios e monumentos e sistemas de transporte baseado no automóvel. Vê as cidades como uma ferramenta essencial para desenvolver países e diz que o futuro está no capital humano, ou seja, o conhecimento, em suas várias formas, que cada uma delas conseguir acumular.

A capacidade de olhar o desenvolvimento urbano por uma outra ótica — não a de quem demanda e precisa de casas, mas a da oferta de espaço nas cidades e seus impactos — fez de Glaeser um dos mais respeitados pesquisadores sobre o assunto. O economista brasileiro José Alexandre Scheinkman, orientador do doutorado de Glaeser na Universidade de Chicago, diz que “ele é uma das pessoas que mais pensou o papel das cidades no mundo contemporâneo. É realmente muito, muito bom”. O prêmio Nobel de economia Gary Becker também já o elogiou e George Akerlof, outro Nobel, definiu Glaeser para o “New York Times” como “gênio”.

Para escrever “Os Centros Urbanos - A Maior Invenção da Humanidade”, Glaeser, hoje morador de um subúrbio de Boston, visitou cidades na Índia, China, Cingapura, os subúrbios texanos e esteve em Detroit. Quem conhece algum desses lugares poderá avaliar melhor as opiniões do economista. Na pobreza das favelas cariocas, Glaeser enxerga oportunidades. No formigueiro de Hong Kong, um modelo para as cidades asiáticas. Na decadência de Detroit, a prova de que cidades não podem depender de uma única indústria. Em Cingapura, encontra apoio para a convicção de que o pedágio urbano é a



única maneira de reduzir congestionamentos. A seguir, a entrevista de Glaeser ao **Valor**.

Valor: *Violência em São Paulo, pobreza em Mumbai, poluição em Pequim. O senhor tem certeza de que as cidades triunfaram?*

Edward Glaeser: Há desvantagens, mas a globalização e as novas tecnologias tornaram as cidades ainda mais valiosas, porque possibilitam que a espécie humana use seu maior

“Se a cidade é produtiva, as pessoas vão querer morar lá. E se não houver casas suficientes, a cidade passa a ser um privilégio de ricos”

ativo: a capacidade de colaborar, de aprender com os outros. O papel das cidades na história é extraordinário. Birmingham e Manchester foram cruciais para gerar novas ideias, disseminar conhecimento e espalhar a prosperidade da Revolução Industrial. Cidades viabilizam a colaboração e as trocas que levam a grandes invenções humanas, seja a pintura Renascentista ou o Facebook.

Valor: *Com tecnologias de informação e comunicação cada vez mais acessíveis e baratas, o papel das cidades não tende a diminuir?*

Glaeser: Não. O que fazemos é aumentar o retorno das boas ideias, da inteligência.

Valor: *Essas pessoas inteligentes não são capazes de se conectar a distância?*

Glaeser: Somos uma espécie social e ficamos mais inteligentes quando estamos ao lado de outras pessoas inteligentes. As pessoas podem marcar entrevistas e encontros via Skype, mas isso não permite as trocas inesperadas, que são extremamente importantes.

Valor: *O senhor descreve as favelas do Rio como um sinal de vitalidade urbana. Por quê?*

Glaeser: As favelas são certamente um sinal de falha do poder público e de inabilidade em

Edward Glaeser (negando prioridade à infraestrutura): “Mais importante para o sucesso de um país ou de uma cidade é capital humano e a coisa mais importante para o Brasil é educação”